

# Em práticas pedagógicas e investigativas... a surpresa

*"Surpreender-se é começar a entender"*

Ortega y Gasset

**Resumo:** O artigo convida à reflexão sobre a ocorrência da "surpresa" em práticas cotidianas, com o intuito de que dialoguem com práticas investigativas e pedagógicas. São apresentadas narrativas de eventos observados em cotidiano escolar, fragmentos oriundos de incursões diversas, as quais contribuem para a compreensão da "surpresa" como ponto de bifurcação que desenfrea convicções, abala certezas e delinea outras trajetórias. Influenciada por Certeau (2011), Maturana (1997) e Prigogine & Stengers (1991), a "surpresa", neste texto, é tomada como emoção a partir da qual algo se inicia, favorecendo a produção de conhecimentos. Colada ao acaso e ao outro, a surpresa não se revela a partir de prescrições, fazendo com que agendas investigativas e planejamentos didáticos incorporem a imprevisibilidade e a alteridade. Diferente da surpresa que implica em uma "dívida", a autora reflete acerca da surpresa que provoca uma "dúvida". Marcada pela imprevisibilidade, desencadeia uma emoção que se constitui no encontro inesperado com aquilo que ainda não havia sido percebido, convidando à criação e fazendo com que a breve interrupção se inscreva como continuidade. Conclui afirmando que práticas investigativas e pedagógicas são acometidas pela surpresa, uma espécie de "assombro" a partir do qual um ato criativo se inicia por meio da compreensão e percepção de novas possibilidades.

**Palavras-chave:** cotidiano escolar; prática pedagógica; pesquisa.

Mitsi Pinheiro de Lacerda  
Universidade Federal Fluminense  
– UFF  
mitsipinheiro@id.uff.br

## In pedagogical and research practices... the surprise

**Abstract:** The essay invites reflection on the occurrence of "surprise" nearby of investigative and pedagogy practices. Narratives of events in school daily life are presented and contribute to the understanding of "surprise" as a point of bifurcation that unbridled convictions, undermines certainties and outlines other trajectories. Influenced by Certeau (2011), Maturana (1997) e Prigogine & Stengers (1991), the "surprise" is taken as an emotion in the midst of which something begins, favoring the production of knowledge. Close to fortuity and the other, the surprise is not revealed from prescriptions, influencing investigative projects and didactic planning to establish dialogue with the fortuitous and alterity. Unlike the surprise which implies a "debt", the author reflects about the surprise which causes a "doubt". Characterized by unpredictability, leads an emotion that is the unexpected encounter with what had not yet been perceived, requesting the creation and causing a brief interruption to sign up as continuity. Concluded by stating that investigative and pedagogical practices are affected by surprise, a kind of "astonishment" from a creative act begins by understanding and perception of new possibilities.

**Keywords:** school daily life; educational practice; research.

Em homenagem póstuma, através do texto *O riso de Michel Foucault*, Certeau revela a afirmação de Foucault, segundo a qual

(1) Prigogine e Stengers (1991), tratando da matéria em situações de não equilíbrio, ressaltam a destruição da homogeneidade e surgimento da "história" – uma vez que, distante do equilíbrio, várias possibilidades se abrem ao sistema. Essas novas possibilidades se configuram a partir daquilo que chamam de "ponto de bifurcação", "ponto crítico a partir do qual um novo estado se torna possível" (p. 122).

(2) São apresentados, no decorrer deste texto, alguns relatos oriundos de observações empreendidas em cotidianos diversos, em ocasiões distintas e registradas por ocasião do desenvolvimento de pesquisas coordenadas pela autora. Estes relatos são apresentados de forma a dialogar com o texto, este, de natureza ensaística. O artigo não oferece, portanto, um produto de pesquisa.

(3) O registro iconográfico do cotidiano escolar foi um dos procedimentos empregados durante a produção de dados para um estudo. Os relatos apresentados neste artigo são resultantes de reflexões epistemológicas que acompanharam a execução deste e de outros procedimentos.

o nascimento de *As palavras e as coisas* se deu após seu encontro com um texto de Jorge Luis Borges. Este texto teria provocado em Foucault a perturbação de "todas as familiaridades do pensamento", causando-lhe "acessos de surpresa". (CERTEAU, 2011, p. 119) Estes "acessos de surpresa" ocorrem, segundo Certeau, tal como "acessos de febre" e detonam

[...] formas jubilatórias repentinas, quase extáticas, 'espanto' ou 'encantamento' que é, de Aristóteles a Wittgenstein, o momento instaurador da atividade filosófica. Pelas frestas do discurso, engraçadas, incongruentes ou paradoxais, algo faz irrupção que transborda o pensável e abre uma possibilidade de 'pensar diferentemente'. (CERTEAU, 2011, p. 119)

O interior do "pensável" geralmente é habitado por algum tipo de herança de natureza ideológica, pragmática e outras tantas. Aparentemente, o que pode ser pensado encontra-se em repouso, é algo concluído, pleno. Confortável, eu diria. Contudo, consoante ao que destaca Certeau, sempre há possibilidades ao transbordamento do "pensável" e ao congruente emergir de outro pensar. Desvinculado de nossos registros de previsibilidades, "algo" irrompe e nos atravessa sob a forma de uma surpresa, e talvez seja ela, a surpresa, que tenha a presteza de desenfrear as convicções com as quais projetamos nossas trajetórias. Traçamos um caminho e, de repente, eis uma surpresa colada ao "acaso", essa espécie de coautor do cotidiano.

Minha intenção neste texto é refletir sobre a "surpresa" enquanto algo que nos mobiliza, funcionando como "ponto de bifurcação"<sup>1</sup> a oferecer diferentes ramificações que perpassam o mesmo. Para isso, recorro a aproximações ao cotidiano escolar<sup>2</sup>, com o intuito de que minhas reflexões dialoguem com práticas pedagógicas e investigativas na escola. Estas reflexões tecem narrativas de forma a encontrar, em meio ao cotidiano escolar, a surpresa inscrita neste fluir.

Pensei sobre isso quando estive em uma creche, objetivando fazer algumas fotos para um estudo<sup>3</sup>. Antes de adentrar aquele espaço, refletia sobre possíveis implicações de minha presença ali. Sabia que, de alguma forma, iria interferir naquele cotidiano, e minhas preocupações voltavam-se para as crianças, afinal, eu era uma desconhecida para elas.

Quando cheguei, fui encaminhada até a sala de aula, onde a professora trabalhava neste dia com oito crianças pequenas, com idades em torno de dois anos. Em sua classe havia três colchões empilhados e alguns brinquedos espalhados pelo chão. As crianças olharam-me de formas variadas, aparentando curiosidade, alegria, indiferença, receio ou outro sentimento que eu não tenha notado. A professora sabia de minha intenção por fazer algumas fotos e eu, predisposta a permanecer por pouco tempo ali, conversei com as crianças dizendo que iria “tirar retrato”.

Assim que fiz a primeira foto, um dos meninos começou a chorar. A professora o pegou no colo, fez carinho, conversou, ele se acalmou. Eu compreendi que deveria desistir das fotos, pois o receio que causara com a minha chegada, havia se transformado em medo com o primeiro *click* da máquina fotográfica. A professora então me disse que a foto não provocara o choro, e sim que ele havia demonstrado insegurança com a minha chegada. Explicou que, quando cheguei e a cumprimentei com um abraço e sorrisos, o menino se afastou e ficou observando a novidade, desconfiado.

Eu precisava das fotos, mas não podia insistir naquele momento. Fiquei por ali, o garotinho parou de chorar, veio a hora do almoço. As crianças foram levadas ao refeitório e servidas; eu decidi retomar o registro fotográfico. O menino que havia chorado estava almoçando e aparentemente nem se ocupava mais de mim – enfim, tudo parecia tranquilo. Liguei a câmera, foquei a mesa e... nada. Não fiz a foto, pois o menino recomeçou a chorar, lágrimas escorrendo, e eu me sentindo péssima por ter causado aquilo. Fiquei pensando na perturbação que causara e na impossibilidade de compreender o motivo das lágrimas, afinal, na atualidade, as crianças convivem com fotografias desde muito cedo. Pois estava ali pensando em tudo isso quando notei que o menino, ao mesmo tempo em que chorava, continuava a almoçar como se nada se passasse. Ele estava abalado com o que eu fizera, e, ao mesmo tempo, isso não interferira em sua intencionalidade: o almoço.

Desisti das fotos e permaneci ali sentada, confusa. Se a neutralidade era impossível, tampouco a certeza sobre nossa interferência junto ao outro poderia ser utilizada, neste momento, como explicação para o que se passava. Minha presença estava perturbando esse menino, ao mesmo tempo em que não estava. Enquanto pensava sobre isso, as crianças se retiraram do refeitório, sendo

que eu continuei no local. A servente trouxe a refeição da outra turma e se foi. Ao visualizar a mesa vazia de meninos e cheia de pratos, resolvi fazer outra foto. Neste momento, o local encontrava-se deserto – “assim, não perturbo ninguém” – pensei.

Liguei novamente a câmera, foquei e me preparei para fazer a foto. Neste momento – surpresa! – surgiu na tela um rostinho! Uma das crianças, que havia permanecido próxima a mim demonstrando encantamento pela câmera, aproximou-se e “entrou no quadro” (Fig. 1). Eu não havia planejado fotografar este menino, isto não estava em meus planos, mas ele, intencionalmente, colocou-se ali.



Figura 1 – Mesa de refeições da creche, com a presença de uma das crianças.  
FONTE: arquivo pessoal.

Enquanto eu olhava para o refeitório vazio e planejava fazer uma foto, um garotinho de dois anos me observava a partir da sala de aula, percebia minha intenção, planejava algo e em instantes colocava seu plano em ação. O rosto daquela criança na foto e sua inserção espontânea surpreenderam-me.

A princípio, eu dispunha da intencionalidade por fazer algumas fotos na creche e sabia que minha presença perturbaria de alguma forma aquele espaço, mas nem sequer suspeitava do que iria acontecer ali, afinal, o que nos surpreende geralmente não se faz anunciar, e, muitas vezes, mostra-se para nós de forma quase imperceptível, por meio de indícios (GINZBURG, 1989) bastante sutis. Esses indícios costumam passar despercebidos, afinal, além de estarem à margem dos trajetos que projetamos, geralmente ocorrem por meio de movimentos microscópicos. Pequenos. Simples. Mas não menores, mas não simplificados.

Um menino que chora quando eu me aproximo é o mesmo menino que não deixa de se alimentar – embora permaneça chorando. Minha interferência nesse cotidiano perturbou e não perturbou esse menino, “ao mesmo tempo”. Esse menino que chora me ajudou a perceber que a neutralidade e a indissociabilidade entre observador e observado não são questões de tudo ou nada, não é algo tão simples assim. Havia, pois, um menino que chora e que mesmo assim mantém as disposições que escolheu para si, e havia também um menino encantado com a novidade, ansioso por tocar na câmera fotográfica. Seu encantamento pela novidade levou-o a fugir da sala de aula e adentrar em um quadro para o qual não havia sido convidado. Não estava planejado, esse menino. Mas os meninos não sabem disso, ou, se sabem, muitas vezes não se deixam controlar por vontades alheias, o que me leva a pensar na surpresa que vem de carona com o acaso e em como isso é convidativo à produção de conhecimentos.

Na prática investigativa e na prática pedagógica cotidiana, a investigadora/professora é alguém que também aprende, e a surpresa é algo que potencialmente desestabiliza os programas, os caminhos traçados, as certezas. Foi me surpreendendo ao ver um menino que chora e come ao mesmo tempo, e ao ver outro que se insere em uma cena para a qual não havia sido escalado, que pude desenvolver estas reflexões, que pude pensar sobre o outro que me olha enquanto o observo.

Pesquisar e ensinar são movimentos não lineares onde não há somente o repasse de algo, nem tampouco uma troca, mas movimentos onde há uma negociação de sentidos – os quais são atribuídos de formas diferenciadas por quem os compartilha. Geralmente, atribuímos à pesquisa a função de apreender algo ainda não sabido, e ao ensino a função de transmitir algo que se sabe, mas, tomados assim, pesquisa e ensino reduzem-se a um movimento de mão única, consolidando um lugar privilegiado que deverá ser ocupado por alguém. Diferente disso, penso que pesquisando e ensinando envolvo-me em relações onde as intencionalidades e atribuições de sentidos são sempre diversas, e que a ocorrência da surpresa tece outras possibilidades.

Práticas pedagógicas e investigativas que se passam em cotidiano escolar se dão em meio à familiaridade – e apenas isso garantiria que a agenda investigativa e o planejamento pedagógico fossem cumpridos, não fosse por um detalhe: embora nos pareçam

familiares, os cotidianos tornam-se outros continuamente. Para compreender isso, precisamos prescindir da imagem que associa a transformação à metamorfose, uma vez que os processos que tornam os cotidianos em outros costumam se dar sem que, aparentemente, nada se modifique. Pesquisar e atuar pedagogicamente em cotidiano é desconfiar continuamente do que se sabe, carregando consigo apenas a certeza de que algo está acontecendo ali. A imersão junto à fluidez cotidiana pode projetar o observador para “fora” deste campo provocando uma espécie de inclusão excluída, de tudo ser conhecido mas perturbadoramente intocável, distante. Como diz Saramago (1997, p. 69), “é preciso andar muito para alcançar o que está perto”.

O cotidiano inclui-nos em seu interior, mas às vezes provoca a sensação de que a “porta” continua fechada apesar de já termos entrado. A imagem que temos de adentrar algum lugar usando chaves para abrir portas não funciona em cotidiano. Podemos estar dentro e a porta permanecer fechada... uma porta que supomos existir, pois não é possível visualizá-la. Compreendido assim, restaria afirmar que a pesquisa em cotidiano é impossível, uma vez que a presença de um sujeito neste *espaço-tempo* não pode ser determinada exclusivamente por ele. Como prescindir de metáforas tais como caminhos e passagens e garantir a inserção em um lugar adentrado?

Seja como professores de escolas ou pesquisadores das universidades, somos acometidos pela sensação de que tudo é extremamente familiar quando adentramos o cotidiano da escola. As filas no início das aulas, as carteiras, o quadro de escrever, os horários, os currículos... tudo é conhecido. É comum, portanto, olhar para tudo isso e ver pouco, pois a familiaridade predispõe à previsibilidade – olhamos para o que está posto, aguardando o que antecipadamente sabemos que está por vir. Além da familiaridade, a inclinação que dispomos por observar mudanças apenas em eventos em larga escala, torna difícil notar as transformações ocorridas no dia a dia. Destas, penso se tratarem de movimentos sutis, pouco visíveis e cujo ruído é quase inaudível. Sua ocorrência não se revela a partir de prescrições: a imensurável vida cotidiana é marcada pela imprevisibilidade e geralmente surge sob a forma de uma surpresa.

Lembro-me de uma pesquisa que desenvolvi em uma escola pública, com estudantes dos anos finais do ensino fundamental.

A princípio, travamos uma conversa onde lhes apresentei minha intencionalidade e nos aproximamos através do diálogo que perpassava nossas vidas acadêmicas e pessoais. Aos poucos, a conversa projetou-nos até diversos pontos da cidade, destacando amigos em comum, reconhecendo práticas cotidianas que compartilhávamos e narrando a diversidade de nossas histórias em um texto que as unia sem que perdessem sua especificidade. Foi em meio a esse diálogo, que um estudante me perguntou: “quem te criou?”. Esta pergunta projetou-me imediatamente para “fora” do grupo de estudantes e do conforto que sentia com o decorrer daquela atividade, para “fora” de um campo semântico e dos braços da certeza. Em um instante, eu estava do lado de “fora” – embora, fisicamente, permanecesse no mesmo lugar. Como a imprevisibilidade que perpassa o cotidiano não coaduna com respostas previamente elaboradas, creio que tenha respondido ao menino: “fui criada por meus pais”.

Ali havia a surpresa, o inesperado, a provocação. Respondi ao menino, continuamos a conversa, mas eu não conseguia deter minhas reflexões. Ofereci a resposta em meio a um estado de torpor com o qual as surpresas me tomam, permanecendo em conversação enquanto meus pensamentos fugiam dali. Eu pensava: “como conversar com esses estudantes? Qual seria a pergunta ‘certa’ a dirigir-lhes? Estou longe, tão longe deles... os significados são outros”. Faz parte dos interesses de um menino, que nunca soube dos pais e que foi criado pela avó, indagar sobre as condições sobre as quais o outro foi criado, enquanto este tipo de interesse é inexistente para quem cresceu sob os cuidados de seus pais. A pergunta do menino me introduziu em um âmbito de perguntas não imaginadas, enquanto me esvaziava de respostas. Não apenas as respostas que produzimos são informadas pelos significados que empregamos – também as perguntas relacionam-se a quem somos e à nossa trajetória no mundo.

Ainda hoje penso nisso quando me deparo com o outro. Surpresa por esse pequeno evento cotidiano, fui acometida por uma sensação que, não obstante sua natureza fugaz, ainda hoje me intriga. A surpresa vivenciada naquele dia instaurou uma dúvida – e desconfio de que não trará a resposta. Se não há respostas, preciso ter cuidado... preciso inserir-me cuidadosamente em minhas relações com o outro. Surpresas detonam algo que se processará continuamente, transformando-nos em pessoas comprometidas com o cuidado.

Nos limites que circundam a redação deste ensaio, tomei conhecimento de que o emprego do termo “surpresa” seria originalmente militar, indicando os efeitos inesperados causados nos conquistados, através da ação planejada de seus conquistadores. Durante a “Guerra de Troia”, por exemplo, os troianos se maravilharam ao serem surpreendidos com um imenso cavalo de madeira presenteado pelos gregos, para, a seguir, serem aterrorizados pela “surpresa” contida nele. Na Idade Média, era comum aos conquistadores utilizarem torres móveis de madeira para transpor as muralhas que cercavam as cidades, contando com a surpresa para pegar desprevenidos os conquistados. Durante a reconquista cristã no cerco de Lisboa, por exemplo, os portugueses, auxiliados pelos cruzados, construíram as tais torres. Após um período durante o qual fizeram da fome e das doenças o cardápio dos muçulmanos, os cristãos empregaram a surpresa enquanto evento inesperado e estratégia bélica, rendendo a cidade aos mouros em 1147. Posteriormente, junto aos significados bélicos, a “surpresa” também passou a ser associada às emoções com que as pessoas eram acometidas quando uma ação planejada e pacífica lhes era direcionada. De uma forma ou de outra, trata-se de uma emoção desencadeada por algo inesperado, produzido por alguém e endereçado ao outro. Uma surpresa forjada a partir de um objetivo específico, que captura o outro em uma proposição única.

Etimologicamente, “surpresa” vem do Latim *prehendere*, composta de *pre-* (antes) e *hendere* (segurar). *Hendere* parece vir da mesma raiz (*ghed-*) que *hedera*, cuja ideia é a de “enredar”, como fazem as plantas trepadeiras. Assim, de *prehendere* nos chega *surprehendere* – algo como “conseguir segurar com astúcia algo inesperado, apreender”. Já o dicionário monolíngue descreve a “surpresa” como “ato ou efeito de surpreender ou de ser surpreendido; espanto; sobressalto; perturbação; prazer inesperado; presente”. No dicionário de sinônimos e antônimos é possível verificar que “surpresa” tem significado semelhante a “abalo, admiração, assombro, comoção, emoção, espanto, espavento, pasmo e susto”.

A insuficiência das tipologias alerta-me que é inútil adjetivar as surpresas, porém, não resisto a arriscar a distinção entre duas delas para que os leitores aproximem-se do campo semântico que privilegio aqui. Há uma espécie de surpresa que é planejada por outrem, e que ocorre quando uma ação externa, previamente elaborada, é direcionada ao outro. Seu objetivo é restrito, seu alcance



é limitado e essa surpresa geralmente não se presta a desdobramentos. Trata-se de surpresa que interrompe um percurso e cujo efeito é imprevisível, podendo promover a alegria ou o abandono de planos a contragosto. Embora em sua intencionalidade possa residir o desejo pela felicidade de alguém, o inverso pode ocorrer quando o surpreendido percebe que, junto com a “surpresa”, adquiriu uma dívida.

Correndo o risco de parecer ranzinza, penso que essa surpresa “planejada” é algo que interrompe e arrasta o outro em direção à intencionalidade do responsável pelo planejamento. Esta mudança de trajetória, determinada por uma intervenção desconhecida por aquele a quem era destinada, dispõe da possibilidade de provocar emoções permeadas pela alegria ou pelo desconforto. É como se o inusitado ocorresse pela metade, ou seja, como se fosse parcialmente planejado por alguém com o objetivo de introduzir algum tipo de emoção no outro. Uma emoção delicadamente construída fora daquele que a deverá vivenciar.

Diferente da surpresa que implica em uma “dívida”, penso na surpresa que provoca uma “dúvida”. Esta também é marcada pela imprevisibilidade, mas há diferenças em relação ao que foi descrito anteriormente. É importante considerar que não se trata de uma ação planejada por alguém e direcionada ao outro, mas de uma emoção que se constitui em nosso encontro inesperado com aquilo que ainda não havíamos percebido e que, silenciosamente, grita: compreenda-me. Embora também ocorra de forma inusitada interrompendo algo em nós, trata-se de uma surpresa que convida a produzir, fazendo com que a breve interrupção se inscreva como continuidade.

Esta interrupção acomete um processo sem findá-lo, funcionando como “ponto de bifurcação” que transforma o mesmo em outro, sem substituí-lo. Quando surpreendidos, somos tomados pela perplexidade e curiosidade, importantes alimentos dos processos criativos que se prestam otimamente ao desapego de certezas. A surpresa interfere em nossas temporalidades e espacialidades, causando a sensação de sermos projetados para outros *espaço-tempos* e provocando diferentes percepções sem subtrair o contexto. Esta projeção transporta-nos por meio dos conhecimentos que produzimos, trazendo-nos de volta sempre diferentes, em uma espécie de trajetória hermenêutica. Torna confuso o que parecia

tão claro, incorporando o inesperado quando o percebemos em meio à mesmidade.

A surpresa desestabiliza-nos de tal forma que, geralmente, sentimos necessidade de oferecer-lhe alguma interpretação. Não é possível ser surpreendido e permanecer inerte, mesmo que o desdobramento oferecido ao inusitado seja um breve olhar ou uma reflexão momentânea. É importante ressaltar que aquilo que nos surpreende nem sempre se origina externamente, pois que também somos surpreendidos por nós mesmos, até quando não nos esforçamos para isso.

No que se refere às condições ideais para que sejamos acometidos por essa “modalidade” de surpresa, a única improvável é que seja planejada. A surpresa é o que nos acomete de forma inusitada, e o desconhecimento de seu processo é justamente a condição de sua possibilidade; porém, a existência de um evento inesperado não é suficiente para sermos surpreendidos. Isso se deve ao fato de os eventos não disporem, em si, da capacidade intrínseca de provocar algo em quem quer que seja. Para que algo nos surpreenda e provoque o pensamento de tal forma que se instaure a necessidade por produzir algo, é preciso que o que se mostra como surpresa encontre em nós algumas disposições favoráveis para que se processe.

Podemos encontrar ajuda para compreender isso, tomando a proposição de Maturana (1997) quando se refere aos organismos determinados estruturalmente. Para ele, os seres vivos são sistemas determinados estruturalmente, ou seja, dispõem de uma organização fixa e estruturas variáveis, sendo que “eu posso mudar de estrutura sem perder minha organização” (p. 59). Considerando esta premissa, fica entendido que um sujeito pode ser abordado pelo outro, mas quem decide o que vai se transformar neste sujeito, é ele próprio. Caso o sujeito exposto à intervenção alheia não fosse o responsável pelo que acolhe em si, ele se desintegraria enquanto sujeito, ficando à mercê de quaisquer abordagens externas. Assim entendido, as interações são recorrentes entre os sujeitos, mas em seu fluxo não há determinismos, e sim autoria. A surpresa ocorre em meio ao acaso e se mostra ao sujeito, mas é esse sujeito, e somente ele, quem a toma, segundo sua intencionalidade.

Preciso da surpresa para produzir algo. Embora a necessidade, o interesse e tantos outros fatores favoreçam a criação, a surpresa torna emergente a produção de algo que não constava de um programa, acionando latências que há em mim. O que produzo

ao ser surpreendida difere daquilo que produzo a partir de uma determinada necessidade, pois, neste caso, empreendo um esforço intelectual para atingir objetivos que estabeleço, e, no outro, o que produzo simplesmente jorra. Certamente, está entendido que jorrar é uma metáfora, dispositivo que emprego sempre que fracasso nas tentativas de organizar as palavras para expressar uma percepção. Quando algo jorra, flui a partir do interior, verte com ímpeto, com força e abundância. Talvez eu queira dizer com isso, que jorrar é atividade intensa, desenfreada, que expõe o que nem eu mesma supunha existir por dentro.

Junto a isso, penso que a percepção da surpresa pode ser suave e sua ocorrência não guardar qualquer semelhança com cenas clássicas onde pessoas são vistas com olhos esbugalhados, gritos abafados, braços agitados. Ela é suave quando seu arrebatamento se processa internamente, provocando serenidade junto à ardente sensação de que algo precioso foi descoberto. Muitas vezes a percepção da surpresa também é provocativa do silêncio, pois que o surpreendido se investe de um estado reflexivo através do qual busca compreender aquilo que, de certa forma, o arrebatou. Quando alguém se deixa surpreender, é possível que ocorra a contradição entre o que nele é externamente visível (estado cândido, silêncio, contemplação) e o que se processa em seu interior (movimento, ruído, produção de conhecimentos). A surpresa pode arrebatá-lo e lançar alguém em várias direções sem que um único movimento seja visível, e sem que ninguém mais o saiba. É turbilhão interno, barulho intenso inaudível ao outro, uma provocação íntima.

A surpresa nasce no encontro perturbador entre o que há de consolidado e os significados que afloram através de novas percepções. Não pode ser produzida, embora favoreça a produção, a criação, o desdobramento. Não pode ser vivenciada da mesma forma por um coletivo, mas pode ser socializada e conhecida a partir de diversos sentidos. É íntima e individual, mas basta traduzir-se em conhecimentos para que se instaure a necessidade de comunicá-la ao outro.

Por vezes gerada em silêncio, a surpresa se desdobra em narrativas, em palavra. Subtraindo as certezas, a surpresa instiga ideias novas, e tudo isso tão rapidamente que sufoca: por isso o que ocorre intimamente, necessariamente jorra. Tomada enquanto condição para que a surpresa ocorra, esta intimidade traduz-se em segredo cuja natureza é o deixar de ser. Segredos são compartilhados em

confiança com quem supomos os poderem compreender. O que nos surpreende não é divulgado abertamente, embora não haja restrições para que se espalhe. Trata-se de segredo compartilhado com quem confiamos, algo intimamente oferecido a alguém e que conta com a possibilidade de dissipar-se enquanto segredo para ser amplamente socializado junto a qualquer pessoa que o recolha em sua intimidade.

A surpresa pode ser ignorada. Sinônimo de espanto, ela assusta, causa assombro, abalo e espanto. A surpresa abala o que está posto, por isso uma opção seria ignorá-la. Pensar sobre os desdobramentos advindos da surpresa é trabalhoso e arriscado, pode ser necessário mergulhar em reflexões que não percorrem a comodidade do já sabido. A negação da surpresa pode refrear a diversidade de sentidos que inventamos, aprisionando a palavra junto ao óbvio – e pobre dela, da palavra desprovida de transformação. Enfraquece-se, afetando o que há de emergente em nossa criatividade. Negando a surpresa, optamos por empregar um olhar suficiente, que olha displicentemente para o que sempre tem sido visto. Ignorar a surpresa minimiza o risco da entrega ao que há de possibilidade dentro de nós mesmos.

De forma a dialogar com isto, trago a história das privadas – ou latrinas, ou vasos sanitários, como queiram. Eu fui a uma creche conversar com uma professora e conhecer seu trabalho. Ao me receber, ela mostrou-me sua sala de aula, apresentou-me seus alunos, contou de sua rotina, da precariedade das condições estruturais da escola, de seus projetos, mostrou as atividades das crianças. Eu tentava ouvir atentamente o que ela dizia, mas confesso que volta e meia olhava para aquilo que havia me surpreendido nesta visita: as privadas do banheiro.

Em sua sala de aula havia um banheiro. Dentro dele, uma banheira para o banho dos bebês e três privadas (Fig. 2). As três privadas eram pequenas, apropriadas para o tamanho das crianças, e estavam dispostas lado a lado. Inquieta, continuei a ouvir a professora até encontrar o momento adequado para pedir algo: essa imagem provocou em mim tamanha surpresa que solicitei autorização para fotografá-la.



Figura 2 – O banheiro da creche.  
FONTE: arquivo pessoal.

Naquele dia eu tinha a intenção de conhecer a creche, e a professora havia se esmerado em apresentar seu trabalho. Saí de lá muito grata a ela por isso, mas meus pensamentos insistiam nas privadas. A surpresa com as privadas fincadas lado a lado e a inexistência de cabines individuais me levavam a refletir sobre como a infância ainda é mantida isenta do cuidado. Considerando que compartilhamos de culturas plurais que dispõem, em comum, do hábito por manter a prática de necessidades fisiológicas na intimidade, é espantoso que um banheiro destinado a crianças não resguarde isso. Até hoje me pego pensando nesta imagem e inventando o que ver ali – e por isso considero que uma surpresa não se esgota em si mesma, posto que se processa continuamente. Esta imagem das privadas, eu a fiz há bastante tempo e não consigo vislumbrar o dia em que poderei esquecer-me dela.

É interessante notar que o que produzimos em meio à surpresa não se relaciona com ela, ou, pelo menos, não literalmente. Não somos surpreendidos por meninos; somos surpreendidos por aquilo que os meninos provocam em nossos pensamentos. Meninos que choram, meninos que adentram nossas fotografias e privadas esquisitas não dispõem da capacidade, por si só, de provocar qualquer coisa em alguém. É justamente nessa incapacidade que residem possibilidades para a criação, fazendo com que tomemos o que nos surpreende, enquanto sinalização de que há algo a ser compreendido.

A surpresa favorece a tessitura da novidade, ao mesmo tempo em que prepara o que começa a ser sabido, com o propósito de um diálogo. Ela não nega o que havíamos consolidado, não nos

desintegra – apenas surge para que possamos estabelecer uma conversação entre o que víamos e o que inventamos de perceber. Lembro-me de um dia em que estava sentada, ao lado de várias pessoas, no saguão de entrada da universidade onde trabalhava. Ali, bem à frente, havia dois caixas eletrônicos. De repente, um garotinho afastou-se de sua mãe, sentou-se atrás de um dos caixas eletrônicos, levantou seus braços e executou alguns movimentos que eu observava sem compreender.

O menino permaneceu ali até que sua mãe o chamou e foram embora. Aparentemente, ninguém se ocupara do que o menino fizera. Curiosa, aproximei-me do caixa eletrônico e fui surpreendida com o que encontrei. Ali havia um teclado numérico, uma entrada para chaves e uma alavanca redonda, provavelmente recursos utilizados para que os funcionários do banco acessassem o interior da máquina (Fig. 3). Olhei para aquilo e, enquanto via exatamente o que descrevi, deliciosamente passei a ver outra coisa: aquilo também era o painel de um automóvel – o menino estivera ali “dirigindo” o caixa eletrônico!



Figura 3 – Caixa eletrônico, e carro eletrônico, e (...).  
FONTE: arquivo pessoal.

O menino acompanhava sua mãe para que ela agendasse uma consulta odontológica gratuita, serviço prestado pela universidade. Imagino a surpresa que o acometeu ao encontrar um carro estacionado bem ali, um carro que dirigiu e com ele viajou, sabe-se lá por onde... ou não. Bem que o menino poderia ter se entregado a entender o mecanismo de abertura daquela máquina, ou inventado de ser o responsável por sua segurança, ou associado aquilo às peripécias que assistiu em um desenho... não sei.

O que resta de certeza em tudo isso, é que sempre haverá diferentes possibilidades junto à surpresa.

Entregues a práticas investigativas e a práticas pedagógicas, todos somos acometidos pela surpresa. É o assombro a partir do qual algo se inicia (ou continua). É a emoção com a qual somos impelidos a compreender, a olhar de outro jeito, a inventar possibilidades, a movimentar as percepções. Deveríamos empregar a surpresa na compreensão de nossas práticas investigativas e pedagógicas, assim como no conhecimento das concepções que as informam. A surpresa pode trazer consigo a dúvida, e esta pode fomentar a inquietação para, desprovidos da certeza, termos que necessariamente sair do lugar.

Cuidando para que sua afirmação não denote um “clichê”, Portelli (1997) defende que as conversas com as pessoas em seu trabalho com História Oral é algo que sempre o enriquece. Destaca a “surpresa” que lhe causam as diferentes conversas – todas as conversas são diferentes – como fator constituinte do enriquecimento de sua experiência (p. 17). Isso me leva a pensar que a surpresa mostra-se em meio às diferenças quando estas são preservadas, mesmo que as condições postas incitem a subtrair aquilo que lhes é próprio. A surpresa forjada em meio às diferenças provoca a curiosidade, o desejo por compreender, o encantamento por sua ocorrência. Contribui para que as reflexões busquem um posicionamento político em relação ao que difere, favorecendo a que a homogeneidade seja tomada com estranhamento e notada como artificialmente inserida na diversidade do mundo.

A hegemonia do sentido que se pretende único cristaliza convicções que dificultam os processos de conhecer e as relações com a alteridade. Mas, veja! Surpresas abalam convicções, dissipam certezas, transformam percursos, instigam novas possibilidades. Surpresas levam-nos a desenhar outro chão, o qual se torna menos um posto de observação para mostrar-se enquanto possibilidade para o movimento.

A leitura do mundo convida ao acolhimento da surpresa – elemento constituinte do fluir cotidiano, e que se presta a subtrair o conforto e a suficiência do olhar único. A surpresa perpassa caminhos que foram previamente traçados, abalando certezas e sinalizando novas possibilidades de compreensão. Não ocorre a partir de prescrições, mas favorece a que algo seja criado. Interferindo em nossas temporalidades e espacialidades, a surpresa desestabiliza

quem foi surpreendido, urgindo a necessidade de inventar alguma interpretação. Suave e arrebatadora, inscreve-se enquanto segredo cuja vocação, contraditória, é desdobrar-se em narrativas, em palavra. Oriunda daquilo que ainda não conhecemos, a surpresa pode ser negada ao provocar assombro – emoção a partir do qual algo se inicia. A surpresa interfere junto às nossas percepções sobre a alteridade, já que esforços por minimizar as diferenças ocultariam a beleza inerente ao conhecer o que ainda não sabemos. Presente nas relações entre as pessoas e nas artes em geral, a surpresa, tão cantada em versos, prosa, imagens e sons, também está presente no campo científico... é preciso tão somente que seja acolhida.

## Referências

- CERTEAU, Michel de. *História e psicanálise: entre ciência e ficção*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- MATURANA, Humberto. *A ontologia da realidade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.
- PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um Pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. *Projeto História*, São Paulo, 15: 13-49, abr. 1997.
- PRIGOGINE, I., STENGERS, I. *A nova aliança: metamorfose da ciência*. Brasília: Editora UnB, 1991.
- SARAMAGO, José. *Todos os nomes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

---

Submetido: 06/06/2013. Aprovado: 17/05/2014